

Relatório de Gestão – Out/20

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% OUT/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	0,48	-4,07	-2,69	50,63
<i>VS. CDI</i>	303,71	-	-	98,73

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% OUT/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,17	1,20	1,27	45,38
Juros	0,59	-0,08	0,18	25,82
Moedas	0,00	3,09	2,51	1,10
Bolsa	-0,15	-7,10	-4,52	-3,14
Ativos externos	0,07	-0,31	-0,73	-1,91
Custos	-0,21	-0,86	-1,40	-16,61
Total	0,48	-4,07	-2,69	50,63

início: 31/08/2015

Em outubro nós mantivemos as posições, tanto na compra de Bolsa no Brasil parcialmente hedgeada com a venda de S&P futuro, quanto na compra de inflação implícita na parte intermediária da curva.

No âmbito global, as eleições americanas foram o evento mais importante desses últimos meses, que, junto com a evolução da pandemia irão moldar o cenário prospectivo para os investimentos. As oscilações nas Bolsas nos EUA na véspera e logo após o pleito mostraram como os agentes econômicos se protegeram para a escolha do futuro presidente e do Congresso. Uma vez que se confirmem a vitória de Biden e o Senado com maioria republicana, os EUA deverão ter algumas mudanças importantes que terão repercussões no médio prazo. Nas questões domésticas, esperamos um pacote de estímulos fiscais mais generoso do que num eventual 2º mandato do Trump, porém com alguma dificuldade de se elevar a taxa sobre as empresas e sobre as camadas mais ricas da população. Nas relações internacionais, deverá haver um retorno a uma abordagem multilateralista, seja em questões comerciais seja em conflitos geopolíticos. Acreditamos que a disputa com a China pela liderança hegemônica global não deverá retroceder, apenas mudar a forma. Tudo mais constante, deveremos ter um ambiente mais favorável a países emergentes, com dólar mais fraco e possivelmente mais crescimento global.

Em relação à pandemia, o aumento de casos na Europa e nos EUA, que está trazendo de volta *lockdowns* menos rígidos do que tivemos em março e abril, continua retardando a normalização do setor de serviços. A perspectiva de que alguma vacina – hoje a da Pfizer é a principal candidata – seja aprovada em breve e esteja disponível em meados do ano que vem, é o que traz uma luz no fim do túnel.

No Brasil, não houve grandes mudanças ao longo do último mês na principal questão que nos aflige, a política fiscal. Passadas as eleições municipais, o presidente deverá decidir se implementará um programa social mais abrangente que o Bolsa Família e em caso positivo qual a sua fonte de financiamento. A surpresa inflacionária deste 2º semestre e a queda do veto à continuidade da desoneração tributária para alguns setores em 2021 reduziu mais ainda a margem de manobra do governo para o orçamento do ano que vem. O BC, por sua vez, não está incomodado com o repique inflacionário recente, mas sim com a manutenção do regime fiscal. O Copom sinalizou que os juros devem se manter no atual patamar por um bom tempo, desde que o teto de gastos seja mantido.

Portanto, após uma substancial deterioração fiscal por conta da pandemia, o mundo parece estar nos oferecendo uma chance para colocarmos o país no trilho novamente.

Por ora, continuamos com alocação de risco moderada, com posições em Bolsa e inflação implícita.

Nossas cartas de meses anteriores também estão disponíveis no site: www.riogestao.com.br.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.